

# O controlo de gestão de uma Clínica – como realizar

7 outubro Lisboa | 8 outubro Porto | 9h30-18h00

VidaEconómica  
BUSINESS SCHOOL

INSCREVA-SE JÁ! Email: [anabessa@vidaeconomica.pt](mailto:anabessa@vidaeconomica.pt) | ☎ 223 399 427/00

**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602017CE



**TAXA PAGA PORTUGAL**  
CONTRATO Nº 394635

Nº 1797 / 23 de agosto 2019 / Semanal / Portugal Continental 2,40 €

**DIRETOR**  
João Peixoto de Sousa

# VidaEconómica

EMPRESAS, NEGÓCIOS, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

[www.vidaeconomica.pt](http://www.vidaeconomica.pt)

PUB



## SUPLEMENTO VIDA JUDICIÁRIA

Serviços dos advogados estagiários devem ser remuneradas

Págs. II e III

## SUPLEMENTO IMOBILIÁRIO

Preço médio da habitação em Lisboa é 29% superior ao resto do país

Pág. 2

## EMPRESAS

Leadership Summit Portugal regressa para debater liderança nas organizações

Pág. 11

Prémio Maria José Nogueira Pinto valoriza assistência no domicílio

Misericórdia de Mogadouro inova no apoio aos idosos

Págs. 24 e 25

## AUTOMÓVEL

Hyundai prevê crescer acima dos 30%

Págs. 34 e 35

## JUSTIÇA

Ações cíveis pendentes nos tribunais diminuem 15,6%

Pág. 4

Mário Jorge Machado, novo presidente da ATP, afirma

# Empresas têxteis estão no limite da "fadiga fiscal"

• Opções políticas podem aumentar custos do trabalho

Págs. 6 e 7

Hugo Hilário, presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor, considera

# Montargil aposta nos desportos náuticos

O plano de água da albufeira da barragem de Montargil recebe, nos dias 24 e 25 de agosto, a segunda etapa do circuito nacional de Ski Náutico e Wakeboard. Hugo Hilário, presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor, considera que estas iniciativas, realizadas no âmbito do "Montargil Ski + Wake by Nauti-

que", são "veículos promocionais da Albufeira de Montargil. Acreditamos que ao apoiarmos fortemente estes eventos estamos a contribuir para imprimir cada vez mais visibilidade e notoriedade a Montargil e às suas capacidades únicas para receber este tipo de efeméride"

Págs. 34 e 35



PUB



9 720972 000037

**ifthenpay**

Referências Multibanco para a sua empresa

[www.ifthenpay.com](http://www.ifthenpay.com) | T. 227 660 871



## ATUALIDADE

**Abertas candidaturas para Contratos Locais de Desenvolvimento Social**

Com o objetivo de promover a inclusão social de grupos populacionais que revelem maiores níveis de fragilidade social, o PO ISE (Programa Operacional Inclusão Social e Emprego) anuncia a abertura de candidaturas para Contratos Locais de Desenvolvimento Social de 4ª Geração (CLDS 4G). O Programa CLDS 4G pretende aumentar os níveis de coesão social..

**Europa com mais de 70 mil eventos culturais**

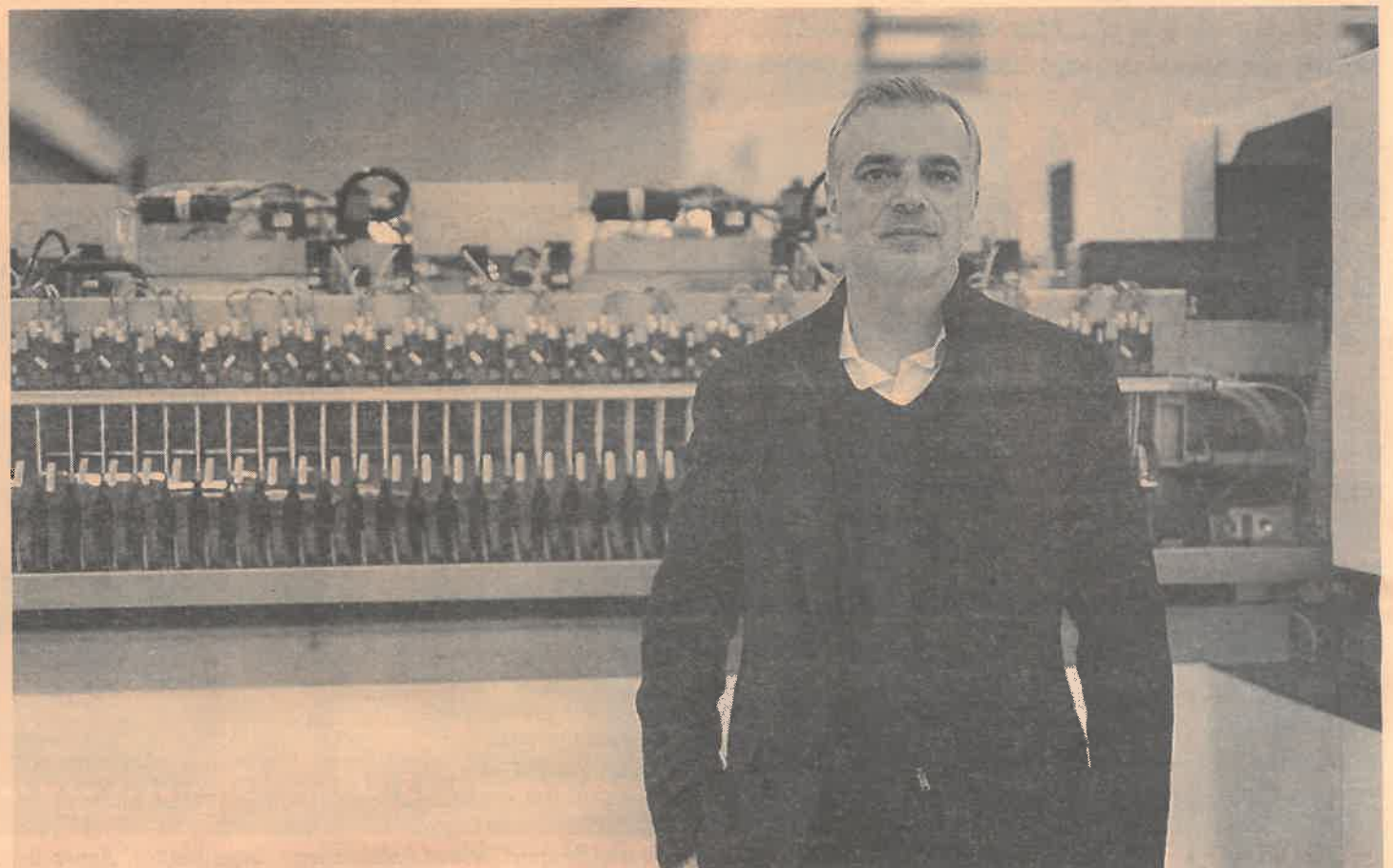
As Jornadas Europeias do Património 2019, uma iniciativa conjunta da Comissão Europeia e do Conselho da Europa desde 1999, estão a decorrer em toda a Europa entre agosto e outubro. O tema deste ano é Artes e Lazer. Envolvendo mais de 70 000 eventos, as Jornadas Europeias do Património são o principal evento cultural participativo do continente europeu. Em Portugal, o evento assinala-se de 27 a 29 de setembro.

MÁRIO JORGE MACHADO, NOVO PRESIDENTE DA ATP, CONSIDERA

# Empresas estão no limite da

A carga fiscal sobre as empresas está a atingir valores recordes e “podemos estar a chegar à fadiga fiscal”, sendo “contraproducente qualquer aumento de impostos”, afirma Mário Jorge Machado. O novo presidente da ATP – Associação Têxtil e Vestuário de Portugal acrescenta que “a indústria transformadora vive, neste momento, uma dramática falta de mão de obra qualificada e indiferenciada, em que a têxtil e o vestuário se incluem”. Uma viragem radical à esquerda nas próximas eleições pode aumentar os impostos sobre as empresas e a rigidez das normas laborais, afetando drasticamente a competitividade das empresas.

GUILHERME OSSWALD  
guilherme@vidaeconomica.pt



O setor atravessa uma fase muito preocupante de escassez de mão de obra qualificada e indiferenciada, alerta Mário Jorge Machado.

**Vida Económica - Como caracteriza a atual situação do mercado têxtil e vestuário?**

**Mário Jorge Machado** - Vivemos um momento de grande incerteza e indefinição. O mercado está a mudar, de forma mais rápida do que a nossa compreensão da realidade, não conseguindo nós perceber em que sentido. A verdade é que, desde Setembro do ano passado, a conjuntura alterou-se bruscamente e esta mudança tocou todos os subsectores da têxtil, incluindo as empresas que trabalham para o automóvel. Quebra de encomendas e adiamento de decisões sobre programas de produção estão a caracterizar este período menos positivo. Não sabemos se se trata de algo conjuntural, que tem que ver com a situação económica e social dos mercados para os quais primordialmente vendemos, o impacto do clima, ou o desvio de encomendas para outros países produtores mais baratos, ou se é algo mais complexo, profundo e estrutural, que passa pelo esgotamento dos modelos de negócio tradicionais, pelo impacto da transformação digital e pelas alterações nos hábitos de consumo, especialmente provocado pela emergência de novos consumidores, mobilizados por valores diversos. Algo está a mudar, não sabemos para onde e não sabemos qual a extensão

e real impacto da mudança. Sabemos também que, apesar de tudo isto, as exportações portuguesas do setor têxtil e vestuário mantêm-se em terreno positivo – quase 1% de crescimento nos primeiros cinco meses do ano -, o que atesta a grande resiliência e capacidade de adaptação da nossa indústria, que, ainda num passado relativamente recente, demonstrou ser capaz de enfrentar e vencer as dificuldades mais extremas. Essa confiança em nós mesmo permanece intocável e fonte de esperança e ânimo de forma constante.

**VE - Em termos concretos, quais os principais problemas que se colocam à indústria?**

**MJM** - Enquanto indústria transformadora, a têxtil e vestuário mantêm preocupações permanentes sobre a sua competitividade. Uma atividade que não seja competitiva dentro de portas não pode almejar a ser concorrencial globalmente. Para que uma indústria seja competitiva há que analisá-la sobre o prisma do custo dos fatores produtivos: custo do trabalho, custo do dinheiro, custo da energia e custo ambiental, assim como do ambiente “business friendly”, em que pontifica a carga fiscal, a proteção do investimento e quadro

jurídico-laboral. Se olharmos para todos eles, o cenário não tem uma perspectiva otimista, antes pelo contrário. Temos um governo que, apesar da ideologia subjacente à sua base de apoio parlamentar, procurou

ter ao longo da legislatura que está a terminar uma gestão minimamente responsável e passar internacionalmente uma imagem de moderação, redução dos desequilíbrios orçamentais e cumprimentos dos compro-

**ATP defende “insistência nos fatores críticos de competitividade”**

A Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP) alerta que o contexto global está em profunda mudança e que as empresas têm de investir nos fatores críticos de competitividade. A realidade é que há mais incerteza e indefinição, o que faz com que os empresários tenham de ser pró-ativos. Mário Jorge Machado, presidente da ATP, admite que a ITV nacional tem feito esforços nesse sentido e até tem conseguido aumentar as exportações. As empresas da ITV portuguesa são essencialmente exportadoras e, obviamente, sensíveis à conjuntura internacional, seja ela boa ou má. “Para lá do clima de grande incerteza e de indefinição, vivemos momentos de confronto geopolítico entre os Estados Unidos e a China, as duas principais potências económicas globais, que provocam ondas de choque em todo o mundo. De igual modo, a particular situação da Turquia, que, por via da desvalorização agressiva da moeda, se está a posicionar como principal concorrente de Portugal em produtos de gamas de

mais baixo preço. Também é certo que se abrem oportunidades com a celebração de novos acordos de livre comércio, que têm vindo a potenciar a diversificação de destinos das nossas exportações”, de acordo com o dirigente associativo. Uma coisa é certa: mais incerteza, mais instabilidade, mais indefinição, vão obrigar as empresas a incrementar a presença em feiras internacionais, em missões aos mercados, a uma maior proximidade com os seus clientes, para poderem ter argumentos para responder ao que lhes é exigido. “Teremos mais trabalho para obter o mesmo ou um pouco mais. São as regras do jogo e teremos de o jogar. Já o fizemos no passado, quando nos é exigido, voltaremos a fazê-lo novamente. Diria mais, já o estamos a fazer. A ITV portuguesa, mesmo num quadro de dificuldades e exigência acrescidas, aumentou 1% as vendas ao exterior, enquanto a Turquia, num quadro em que beneficia de condições de excepcional competitividade, diminuiu 1%. Alguma coisa estaremos a fazer bem e é aquilo que nos compete.”

**“Indústria transformadora vive, neste momento, uma dramática falta de mão de obra qualificada e indiferenciada”**

## Conselho de Ministros aprova o PSOEM

Foi aprovado, na generalidade, o Plano de Situação de Ordenamento do Espaço Marítimo Nacional (PSOEM) para as subdivisões Continente, Madeira e Plataforma Continental Estendida. O PSOEM é o primeiro instrumento que procede ao ordenamento do espaço marítimo nacional, considerando o mar territorial, a zona económica exclusiva e a plataforma continental até ao seu limite exterior, dando, assim, um contributo importante para a coesão nacional.

## Moody's revê em alta rating da República Portuguesa

A agência de notação financeira Moody's reviu em alta a sua perspetiva sobre o rating da República Portuguesa de "estável" para "positiva". A Moody's salienta "a continuação do processo de consolidação orçamental, com reflexo na diminuição do rácio da dívida pública face ao PIB, a um ritmo superior ao estimado há um ano, bem como a perspetiva de manutenção da trajetória de redução do rácio da dívida pública".

# "fadiga fiscal"

missos assumidos na União Europeia. Contudo, o novo ciclo eleitoral pode-nos trazer uma viragem mais radical à esquerda, colocando em causa muito do capital de credibilidade alcançado, pois poderão ser exigidas por certas forças políticas alterações no domínio da despesa pública e no quadro juslaboral, que irão rigidificar o sistema e tornar ainda menos competitiva a nossa economia.

Se acrescentarmos a tudo isto as alterações já referidas no mercado internacional, que irão promover certamente um ajuste importante nos anos mais próximos, temos pela frente alguns anos desafiantes para enfrentar.

### Falta de mão de obra

**VE - E que oportunidades estão em aberto?**

**MJM** - Não há ameaças sem oportunidades. A capacidade de adaptação da nossa indústria vai revelar empresas que conseguirão interpretar a mudança no seu melhor e encontrar soluções e ter vantagem nessa abordagem. Resta saber quantas e se teremos massa crítica suficiente. Novos modelos de negócio vão surgir. A sustentabilidade e a economia circular serão oportunidade para algumas empresas e para outras serão a tecnologia e a inovação. Haverá novos mercados e nichos a abrirem. Os acordos de livre comércio com o Canadá, a Coreia do Sul e o Japão são promissores e há expectativas positivas relativamente ao Mercosur. O acordo paneuropeu, entre a Europa e a bacia sul do Mediterrâneo, poderá trazer vantagens para a nossa indústria, desde que as regras de origem a aprovar estejam em linha com os nossos interesses, tal como temos defendido, confirmando a complementaridade crescente entre os setores; assim como o acordo de livre comércio entre a Europa e os Estados Unidos, que a ser relançado, pode vir a aprovar uma versão mais limitada aos direitos aduaneiros, mas que certamente nos permitiria crescer exponencialmente as exportações para esse destino.

**VE - Quais as tendências em termos de mercado laboral? Haverá maior procura de trabalhadores qualificados? Haverá mais desemprego no setor por via do encerramento de empresas?**

**MJM** - A indústria transformadora vive, neste momento, uma dramática falta de mão de obra qualificada e indiferenciada, em que a têxtil e o vestuário se incluem. Existe uma forte concorrência de outros setores de atividade, que oferecem aparentemente melhores condições de trabalho, nomeadamente no que se refere aos serviços,

entre os quais pontificam as "startups" e o turismo. Há também uma perceção negativa por parte da sociedade sobre a indústria, em geral, mesmo quando esta paga melhor e dá perspetivas de carreiras profissionais. Socialmente é mais valorizado trabalhar na caixa de um supermercado ou a atender numa loja do que ser costureira numa confecção, apesar de se pagar melhor a estas.

**"O crescimento económico é sempre inversamente proporcional à carga fiscal"**

Haverá sempre que procurar trabalhadores qualificados e quanto mais escassez no mercado houver melhores serão os seus salários. Também é de admitir uma maior "servitização" da indústria, com mais empregos nos serviços que lhe confirmam mais valor acrescentado. Não acredito que haverá mais desemprego no setor por via de encerramento de empresas. Mesmo que venham a encerrar mais empresas do que é habitual não será previsível que os trabalhadores libertos engrossem o desemprego, pois, ou serão reabsorvidos, por outras empresas que os procuram ou sairão por sua vontade do mercado de trabalho (ou deste mercado de trabalho específico). Ainda recentemente vimos o que sucedeu com a Ricon, que, apesar do seu encerramento, todos os trabalhadores que estavam disponíveis para trabalhar foram recolocados em outras unidades da região.

**VE - Qual a perspetiva do setor no que toca à fiscalidade?**

**MJM** - A carga fiscal tem vindo a aumentar paulatinamente em Portugal nos últimos anos, seja nos impostos diretos e

## Concentração numa só associação

O presidente da ATP comentou também a atual situação no que toca ao movimento associativo, considerando que não atravessa o seu melhor momento à escala nacional. "Precisávamos de estar unidos e com uma liderança forte que defendesse firmemente os interesses da iniciativa privada, das empresas e de quem nelas trabalha e as dirige, mas a verdade é que vemos é uma grande proliferação de associações, com interesses muitas vezes antagónicos e com lideranças de duvidosa qualidade, o que descredibiliza o movimento associativo e enfraquece a defesa dos seus interesses."

Acrescenta-se muitas vezes a concorrência nas tarefas que o movimento associativo deveria desempenhar por parte de instituições públicas, sejam ligadas à Administração Central do Estado ou ao poder local. Por sua vez, importa notar que ao poder político interessa esta situação de divisão, que até favorece

muitas vezes, concedendo apoios que não deveria, fazendo subsistir artificialmente organizações que pouco ou nada representam, mas que desempenham bem o papel de criar ruído e confusão. "No setor têxtil, a ATP procurou, e procura, ser a associação de toda a fileira, concentrando o pensamento, a estratégia e a voz de todos, de modo a que exista coerência e consistência no discurso e uma postura que imponha respeito e audição por parte do poder e demais interlocutores. Hoje, a ATP representa a esmagadora maioria do setor e espero que um dia, mais cedo ou mais tarde, nela esteja integrada toda a indústria, pois trata-se de um imperativo de racionalidade, no qual a generalidade dos empresários do setor comunga." O dirigente avisa que há que "sobrepôr os interesses da indústria aos egos e protagonismos, tantas vezes prevaletentes, que nada beneficiam, apenas dividem e enfraquecem o interesse geral".

nos indiretos. Estamos a atingir recordes e podemos estar a chegar à fadiga fiscal, em que será contraproducente qualquer aumento de impostos pois só trará menos receita fiscal e criará estímulos à evasão. Como atrás referi, o ambiente favorável aos negócios e ao investimento depende de vários fatores e a fiscalidade é extremamente importante. O crescimento económico é sempre inversamente proporcional à carga fiscal: se diminuirmos os impostos às empresas e às famílias vamos ver crescer as empresas e o rendimento disponível das famílias, que se traduz sempre em mais con-

sumo e poupança. Os principais partidos do arco do poder estão a prometer em pré-campanha eleitoral a diminuição do IRC e do IRS na próxima legislatura, embora soe a tema que se esgota na promessa eleitoral e com muito pouca convicção. Como já atrás também referi, se a esquerda ganhar as próximas eleições, irá certamente manter a carga fiscal elevada - e até aumentá-la - nem que seja por razões de natureza ideológica, privilegiando a despesa pública em detrimento do estímulo à geração de riqueza que é feita substancialmente pela iniciativa privada.

## Escapar à concorrência destrutiva do preço

A estratégia para o mandato 2019-2021 da ATP está sintetizada no título do programa de trabalho que a direção apresentou no último e recente sufrágio: "Uma Indústria Integrada, Inovadora e Global: Regenerar o Setor, Ganhar o Futuro". A insistência será na valorização dos fatores críticos de competitividade para que o setor se continue a diferenciar e fugir da concorrência destrutiva do preço: inovação tecnológica, criatividade, muita intensidade de serviço e muita presença internacional. "Mas vamos dar ênfase à regeneração do tecido empresarial, através do estímulo à criação de novas empresas, ao surgimento de novos empreendedores, à atração de jovens e mais qualificados profissionais, e à "servitização" da indústria para melhor se capturar o valor acrescentado que emerge do negócio. Se não cuidarmos de preparar o tecido empresarial que hoje temos para poder subsistir, crescer e até se replicar nos próximos anos, ele morrerá a prazo e, descontinuando-se, não haverá condições para renascer."

Mário Jorge Machado recorda que se está perante uma indústria com um passado rico, criador de "know-how" e de conhecimento, que tem sabido transmitir de geração em geração, criando, a par da existência do "cluster" natural, uma vantagem competitiva que a mantém e a contrapõe aos concorrentes europeus, os quais foram perdendo esses ativos ao longo do tempo. "Para evitar passarmos pelo mesmo, há que intervir e estimular uma perpetuidade do setor, de forma preparada: não manter o que existe por existir, mas manter o que faz sentido, o que deve ser melhorado e qualificado, para sermos cada vez mais competitivos, desenvolvidos e rentáveis." A ATP espera que o poder político mantenha a atenção naquilo que possa promover a competitividade, a diferenciação e o progresso. "Apoios à inovação, à internacionalização, à educação e à formação profissional, permanecem essenciais e críticos à sobrevivência e desenvolvimento do setor. Seria bom

que tivesse preocupações em desagrar os fatores produtivos, nomeadamente o custo do trabalho (que é diferente do salário - queremos a nossa indústria com trabalhadores cada vez mais bem pagos, mas não podemos ser onerados fiscalmente e em termos de descontos para a Segurança social como temos sido até agora), há que beneficiar a riqueza gerada na Indústria e no trabalho - o custo da energia - a mais alta da Europa - o custo ambiental - que nos inferioriza relativamente aos demais concorrentes em que nada lhes é exigido - e o custo do dinheiro, que continua exorbitante para quem precisa e é quase oferecido para quem dele não necessita." Além disso, espera a associação que exista o bom senso de não agravar o quadro juslaboral, já para não invocar a sua flexibilização, e que se cumpra a promessa de desagrar da carga fiscal, pois só assim haverá empresas a investir e as famílias a poupar e a consumir de forma sustentável e sem o perigoso e tantas vezes fatal recurso ao crédito.